

O MÉTODO DE INSTRUÇÃO AO SÓZIA

Vanessa Carla de Freitas

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O Método de Instrução ao Sósia é instrumento que auxilia na investigação das realidades humanas. Este ensaio teórico investigou como o Método de Instrução ao Sósia pode ser utilizado no estudo com seres humanos? O método formulado pelo médico Ivar Oddone, na década de setenta, por meio da indagação: Imagine que eu seja semelhante a você fisicamente e que eu o substituirei no trabalho, como devo agir para que ninguém perceba a diferença? O método conduz o participante a realizar uma reflexão sobre o seu trabalho. Sendo uma forma de aproximação das realidades particulares que envolvem o trabalho.

Palavras-chave: Instrução ao Sósia; Ciências Humanas; Autoconfrontação

Abstract:

The Method of Instruction to the doubles is an instrument that assists in the investigation of human realities. This theoretical essay investigated how the Method of Instruction to the doubles can be used in the study with humans? The method formulated by the doctor Ivar Oddone in the seventies, through the question: Imagine that I am similar to you physically and that I will replace him at work, how should I act so that nobody notices the difference? The method leads the participant in reflecting on your work. It is a way of approaching the particular realities that involve work.

Keywords: Instruction to the doubles; Human Sciences; Self-Confrontation

Introdução

Pesquisar sobre como as pessoas fazem o que fazem, conhecer o que se passa

pela cabeça das pessoas quando realizam uma escolha, adentrar a realidade complexa das vontades, dos valores, dos medos e dos contextos cotidianos não é uma atividade simples, é preciso adentrar o campo, olhar e perguntar e perguntar novamente, e nesse processo de refinamento de respostas encontrar, não a verdade absoluta, mas a verdade que cada sujeito imprime sobre suas ações.

Os mecanismos para realizar esse processo de encontro com as realidades são muitos, cada qual com sua característica própria, a etnografia com a observação, o envolvimento e o registro denso dos fenômenos; a pesquisa participante com seu envolvimento e tomada de posição ante o fenômeno, a observação participante que coloca o pesquisador em contato próximo com a realidade observada, as entrevistas de todos os tipos que buscam nas falas dos sujeitos encontrar explicações e descrições das situações por eles vivenciadas, os questionários com suas respostas métricas mas capazes de ultrapassar a barreira do medo, da vergonha, da dúvida. Todos esses mecanismos de pesquisa possibilitam ao pesquisador se aproximar das realidades investigadas, e a sua maneira encontrar as explicações e formas como cada situação de pesquisa se desenvolve e partir delas formular novos pensamentos e formas de entendimento sobre as pessoas e que tudo o que envolve.

O método da instrução ao sócia é mais uma alternativa para os pesquisadores que buscam conhecer as realidades dos trabalhadores e do trabalho. Apesar do método ainda ser pouco conhecido e utilizado nas ciências humanas no Brasil. Ao se realizar a indagação: imagine que eu sou semelhante a você fisicamente e que amanhã eu o substituirei no trabalho, como devo agir para que ninguém perceba a diferença? Estimula-se no sujeito a fazer um autoquestionamento, como eu faço isso? Por mais que a resposta seja simples, o ato de se autoquestionar desperta a reflexão, o pensar alternativas, as motivações para se fazer o trabalho de uma forma e não de outra.

Em sua origem o método era aplicado nas investigações com trabalhadores industriais, cujas atividades são regidas por normas e regras determinadas, mas nem sempre possíveis. Ao aplicar o método o pesquisador busca entender como o trabalhador aplica sua marca e torna essa atividade possível, que escolhas e mudanças ele realiza para executar o trabalho. No entanto, apesar de sua base história ser as fábricas, seu uso não se restringe a essa realidade, sendo possível

aplica-la em outros ambientes e tipos de trabalho e também em outras situações onde o sujeito realiza ações que foram pensadas por outros mas que no cotidiano assumem as marcas de seus realizadores.

Este estudo se propõe a apresentar o método de instrução ao sócia como uma possibilidade para as pesquisas nas ciências sociais. O problema que norteia este ensaio teórico é como o Método de Instrução ao Sócia pode ser utilizado no estudo com seres humanos? Tendo por objetivo principal descrever como o método de Instrução ao Sócia pode ser utilizado nas pesquisas envolvendo seres humanos. Para tal se descreve a origem do método de instrução ao sócia; a forma de aplicabilidade do método; suas vantagens e desvantagem.

Após essa introdução, este ensaio está organizado da seguinte forma: A instrução ao sócia do passado ao presente; Imagine que eu seja semelhante a você e que eu o substituirei ...; Por que devo usar o método de Instrução ao Sócia; A instrução ao sócia e as pesquisas com seres humanos.

A instrução ao sócia do passado ao presente

O Método de Instrução ao Sócia teve sua origem na Itália, em 1970, associada à psicologia do trabalho, em uma linha fortemente marcada pela preocupação com as pessoas, os movimentos sociais. Vasconcelos e Lacomblez (2005), indicam como seu idealizador o médico Yvar Oddone, que estudava a saúde dos trabalhadores. Segundo os autores, Ivar Oddone queria perceber o trabalho pelo olhar do trabalhador. Para tal era preciso conseguir se aproximar dos trabalhadores sem inibi-los; tentou-se vários caminhos, mas não obtiveram resultados satisfatórios, pois ainda havia uma barreira entre os entrevistados e os entrevistadores (VASCONCELOS; LACOMBLEZ, 2005).

Segundo Robin (1997), a pesquisa no campo de trabalho precisava de novas formas de estudo, de aproximação das realidades do trabalho. Ainda segundo o autor, as pesquisas sobre trabalho são conduzidas por meio de uma observação exterior, longe das realidades que circundam o trabalho; a observação esbarra na mecanização e na vigia dos movimentos. Dessa forma, quem é observado muda seus comportamentos em função de si, como eu estou fazendo o meu trabalho?; em função do outro, como o meu colega vê a forma como eu faço o meu trabalho?; em função da organização, como a empresa percebe o trabalho que eu faço o trabalho?

Portanto, o comportamento analisado não é mais espontâneo, mas alterado involuntariamente pelo sujeito.

O método de Instrução ao Sósia busca ultrapassar essas limitações, por meio do contato com aquele que cotidianamente pensa e realiza o trabalho (ROBIN, 1997). Originalmente, o método tratava-se de exercícios de grupos, desenvolvidos com trabalhadores da empresa Fiat, que durante os seminários de formação operária na Universidade de Turim, eram confrontados pela preposição: Suponha que eu me pareça idêntico a você fisicamente e que o substituirei no seu trabalho, que informações eu devo saber para que ninguém perceba a diferença? (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981). A finalidade dessa pergunta é levar ao entrevistado a identificar os detalhes da sua atividade de trabalho, a forma como ele a realiza e não o porquê de fazer assim.

Além disso, o método proporciona ao trabalhador a tomada de conhecimento sobre o valor da sua atividade. Os relatos dos entrevistados não representam a realidade absoluta da forma de realização do trabalho, nem do comportamento do sujeito durante a realização das atividades de trabalho, mas a autoimagem que ele tem de si mesmo e do trabalho (VASCONCELOS; LACOMBLEZ, 2005). Logo, o método busca proporcionar ao participante a experiência de descobrir novos sentidos nas suas atividades cotidianas de trabalho.

Dessa forma, o mais interessante do método não é a técnica por si mesma, mas os efeitos que ela gera no sujeito, a tomada de consciência a medida que o método é aplicado, o estímulo a pensar sobre as ações inconscientes que o sujeito realiza, os caminhos que o conduzem desde o que foi escriturado e o que é feito no cotidiano (ROBIN, 1997). O método de instrução ao sósia estimula os entrevistados a verbalizem suas atividades laborais; os permite perceber que existem muitos outros elementos que estão envolvidos na composição do seu trabalho, como os processos de descoberta e apropriação das experiências de si e dos outros, que vão além daquilo que normas previram (ROBIN, 1997; AFONSO, 2012). Segundo Robin (1997), um dos grandes bloqueios que o exercício do trabalho possui é a obrigação do segmento de uma receita, a preocupação com a realização de um discurso bonito, o que inibe as capacidades criativas e analíticas dos trabalhadores.

Uma característica do método de Instrução ao sósia é a troca de experiência entre

os pesquisadores e os pesquisados, que estão em constante processo de comunicação e formação mútua (WERTHER, 1997). Segundo Werther (1997), o entrevistador não exerce uma posição apática, ele questiona os caminhos da atividade e o entrevistado participa da análise de suas falas, ele faz uma coanálise ao se autoconfrontar com sua percepção sobre o seu trabalho. Por este motivo, os dados por este caminho metodológico obtidos não apresentam resultados finais, visto que os sujeitos envolvidos – entrevistador e entrevistado – estão em um processo contínuo de transformação (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981).

Segundo Werther (1997), quatro são as dimensões pelas quais o método de instrução ao sócia perpassa, o da tarefa prescrita e a real, o que está preestabelecido e o que não foi previsto, os meios de fazer o trabalho, os caminhos técnicos e pessoais de fazê-lo; a dimensão das relações entre os pares, coletivo e colegas; a dimensão das hierarquias, do dar ordens; a dimensão das organizações formais e informais, sindicatos, associações, etc. Ao instrui o seu sócia o sujeito expõe os detalhes concretos da sua ação, composto das subjetividades do sujeito, que passa pelo seu processo de escolha, seus valores, dilemas, enfim, as micro escolhas cotidianas para a realização do trabalho.

Segundo Oddone, Re e Briante (1981), fazer a instrução ao sócia é uma busca por identificar e visualizar as reestruturações e ordenações dos comportamentos dos trabalhadores a partir do plano particular para o global; é uma busca por compreender como as experiências dos sujeitos são colocadas nas resoluções dos problemas laborais, é a busca por compreender o processo de transformação das ações informais em formais, da construção das regras para a realização do trabalho; é uma abordagem analítica que busca ver o homem na sua globalidade.

O método de Instrução ao Sócia esforça-se por compreender a estrutura do comportamento dos sujeitos, englobando-o por completo, com suas emoções, suas atividades de trabalho, seus relacionamentos, dentro e fora do ambiente laboral. Logo, o aplicar o método é adentrar mais do que na atividade de trabalho, é adentrar na forma de pensar e agir do sujeito que realiza o trabalho. Logo, exigisse preparação e planejamento para que o método alcance os objetivos.

No próximo tópico são apresentados os processos tradicionais de aplicação do método.

Os processos de aplicação tradicional do método

Os resultados dos dados do método de Instrução ao Sósia não são exatos, totalizáveis ou generalizantes, mas flexível, visto que a instrução é passível de mudanças, de forma e significado, ao longo do tempo. Logo, a proposta desse tópico não é fornecer uma receita, mas mostrar alguns aspectos da aplicação do método que são relevantes para os que escolhem utiliza-lo. Lembra-se, também, que é interessante utilizar o método de instrução ao sósia em combinação com outros métodos de coletas de dados, como entrevistas, observação, questionários, para refinar e aprofundar a qualidade dos dados estudados.

O método usualmente é aplicado em trabalhadores industriais, cuja as atividades têm características mais repetitivas, controladas. Além disso, o método conta também com um processo de autoconfrontação, onde o sujeito é primeiramente confrontado com a sua própria fala, e após pela opinião de seus colegas, o grupo da pesquisa, esse grupo irá se reunir e analisar os depoimentos de cada indivíduo. O grupo de pesquisa deve ser formado antes da aplicação propriamente dita do método, composto por sujeitos que desenvolvam as mesmas atividades laborais, e que de forma voluntária tenham se disponibilizado para a participação da pesquisa, por voluntário entende-se que o sujeito por vontade própria participa do estudo e não por escolha ou vontade da empresa, instituição participante do estudo.

Salienta-se a importância do pesquisador estabelecer antecipadamente os termos dos encontros de pesquisa, consultar e informar o tempo, o local, o horário, a quantidade de encontros para que o participante se organize (BATISTA; RABELO, 2013). Além disso, segundo Batista e Rabelo (2013), é importante logo no início do primeiro encontro explicitar as regras e a forma de realização dos encontros, até mesmo para evitar que alguém que não se sinta confortável com os procedimentos possa desistir sem comprometer a pesquisa, é normal que algumas pessoas não se adaptem, fiquem receosas e desistam de participar. As normas dos encontros devem favorecer o pensar sobre o trabalho e criar um contexto para tal.

Para iniciar a aplicação do método, segundo as autoras supracitadas, deve-se introduzir ao participante que será o instrutor, doravante chamado somente de instrutor, a pergunta chave do método: Suponha que eu me pareça idêntico a você fisicamente e que o substituirei no seu trabalho, que informações eu devo saber para

que ninguém perceba a diferença? (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981). Solicite ao instrutor que assuma uma posição de quem ensina, de quem mostra como o trabalho deve ser realizado, o que ele faz e o que ele não faz, o que se poderia fazer mas que ele não faz (BATISTA; RABELO, 2013).

Segundo Batista e Rabelo (2013), para tornar o processo de instrução mais tranquilo, é interessante que o pesquisador, doravante chamado de sócia, estipule um tempo, data, dia, uma ocasião específica na qual ele o irá substituir, e essa situação deve ser uma na qual o pesquisado tenha grande familiaridade, isso garante maior riqueza de detalhes no processo. Qual situação? Essa pode ser escolhida pelo grupo, pelo próprio pesquisado ou pelo pesquisador; é mais fácil e acelera o processo quando o pesquisador indica a situação.

Durante todo o processo de instrução ao sócia é desejável que o instrutor fale na segunda ou na terceira pessoa do singular, o que auxilia na ideia processo de instrução. Ao realizar dessa forma o procedimento, acontece um estranhamento sobre aquilo que era até então familiar ao sujeito (CLOT, 2007). Enquanto o instrutor fala o sócia deve sempre que surgir a oportunidade busca maiores esclarecimentos sobre a forma de fazer do instrutor, como ele chegou aquela forma de fazer, os caminhos e escolhas por ele realizado. Segundo Clot (2007, p. 149), “ O sócia multiplica os obstáculos a fim de aprender mesmo aquilo que o outro não previu ensinar”.

Como dito anteriormente, estão presentes no processo de instrução ao sócia quatro dimensões, a saber: relação do trabalhador com a tarefa, com os colegas, com a hierarquia, com a organização formal e informal (ODDONE; RE; BRIANTE, 1981). Ao vasculhar essas dimensões que permeiam o trabalho o sócia e o instrutor buscam conhecer os caminhos e escolhas que o sujeito realiza ao executar suas atividades de trabalho (BATISTA; RABELO, 2013). Segundo Batista e Rabelo (2013), o procedimento de instrução ao sócia não se preocupa em descobrir o porquê uma pessoa faz o trabalho do jeito que faz, avaliar se ele está sendo bem feito ou não, mas conhecer os caminhos de execução escolhido pelo sujeito.

Após a aplicação do método de instrução ao sócia, que usualmente dura certa de uma hora, o pesquisador se despoja do sócia, e lança sobre o instrutor a seguinte indagação: O que o exercício provocou em você? Essa pergunta tem por finalidade

incentivar a reflexão do processo vivenciado, auxiliar ao instrutor como vivenciar essa experiência, pois é natural que algumas pessoas sejam profundamente afetadas pela experiência (BATISTA; RABELO, 2013). Salienta-se nesse ponto, a necessidade de o pesquisador estar preparado e disposto a prestar um auxílio ao participante, caso ele seja tomado por sentimentos de qualquer espécie, e acalma-lo caso seja preciso. A frieza pode ser um impedimento para o prosseguimento do estudo, já que estão envolvidos no processo uma relação de confiança.

Após a resposta de indagação abre-se o momento para as perguntas dos membros do grupo, para que estes também realizem seu processo de instrução ao sócia, no entanto, é indispensável que não se confunda esse momento com uma avaliação do trabalho do colega, mas sim, uma busca por compreender os caminhos e a diversidade de formas de realização de uma mesma atividade de trabalho (BATISTA; RABELO, 2013). Nessa etapa, enquanto o instrutor responde às perguntas, é confrontado com as declarações anteriormente feitas, o processo de autoconfrontação. Ao ouvir as indagações sobre sua forma de fazer o trabalho, o instrutor confronta-se a si mesmo, e repensa sua forma de fazer o trabalho individualmente e coletivamente (BATISTA; RABELO, 2013). Ao fim dessa reunião, solicite aos participantes da instrução que ouçam suas falas, façam a transcrição e anotem comentários sobre o que eles mesmo disseram, o qual será apresentado em reunião futura (BATISTA; RABELO, 2013).

As reuniões que acontecem após a instrução sugere-se que sejam iniciadas pela retomada dos pontos discutidos no último encontro; solicite que instrutor conte como foi se ouvir na instrução e quais comentários ele teceu a partir da própria fala (BATISTA; RABELO, 2013). Quando todos passarem pelo procedimento, atendendo aos intervalos acordados no primeiro encontro, passa-se a discutir sobre as diversas formas de realização da atividade de trabalho, apesar de durante toda a preparação e processo de instrução essa discussão já vir acontecendo, esse momento é relevante visto que a forma de cada um já foi exposta agora se tem uma ampliação de panoramas sobre a atividade (BATISTA; RABELO, 2013).

Além do processo de instrução verbal por parte do participante, o método de Instrução ao Sócia demanda a realização de um procedimento de pesquisa chamado de autoconfrontação, como já comentado anteriormente. No entanto, esse

procedimento requer o esclarecimento de alguns pontos importante para a sua devida aplicação.

Autoconfrontação

A autoconfrontação é o processo de colocar o sujeito diante de si mesmo, das informações que ele mesmo forneceu, despertando a reflexão sobre o que o próprio sujeito pensa sobre o que ele disse, sobre a situação narrada. Segundo Vieira (2004), confrontar algo é o ato de compara pessoas ou coisas, na busca por tornar clara suas semelhanças e diferenças, e traz velado a necessidade de colocar face a face as pessoas e os objetos com o objetivo de orientar uma avaliação pessoal ou coletiva. O confrontar opiniões, atitudes, textos, situações sociais, onde o agir no mundo, a forma de perceber e pensar a mundo, o trabalho confunde-se com o sujeito e o forma (VIEIRA, 2004).

A autoconfrontação é um recurso metodológico que auxilia na análise das complexas situações de trabalho. É o trabalhador que se autoconfronta e atribui sentido à sua atividade de trabalho (VIEIRA, 2004). Por sua natureza produtora de discursos, a autoconfrontação, acaba por se tornar um trabalho sobre o trabalho, é um meio através do qual o pesquisador consegue ter contato com o trabalho da forma como o trabalhador diz que é, e da forma como realmente acontece (FAÏTA; VIEIRA, 2003). Segundo Stutz (2012), a autoconfrontação é um instrumento que tem por finalidade relacionar e compreender o trabalho prescrito e o trabalho real, de forma a proporcionar uma transformação na maneira como o trabalho é percebido pelo sujeito. Ainda segundo o autor, tal método permite a construção de uma parceria e coanálise entre o pesquisador e os pesquisados.

É importante que o pesquisador se esforce por não se misturar com a história contada, é preciso que o processo aconteça pelo ator e não pelo pesquisador (ALVES; CUNHA, 2008). Portanto, cabe ao pesquisador realizar uma desconstrução – reconstrução das experiências vividas na atividade de trabalho, produzindo um processo de redescoberta, apreciação da atividade realizada (FAITA; VIEIRA, 2003). Segundo Stutz (2012) a autoconfrontação pode acontecer por meio de imagens, vídeos, gravações de áudio, que auxiliam no processo de redescobrir as atividades de trabalho, bem como situações que estão implícitas, imperceptíveis. Ainda segundo o autor, o método permite que se compreendam trabalhos complexos, de

modo reflexivo, relacionando a prática da atividade na forma idealizada e a realmente praticada.

A autoconfrontação pode ocorrer de duas formas distintas, simples e/ou cruzada. A Autoconfrontação simples consiste na apresentação e indagação do participante ante a transcrição de suas falas na instrução ao sócia (SILVA; RAMOS, 2008). Segundo Clot (2006, p. 144), a autoconfrontação simples leva o sujeito a “[...] confronta-se consigo mesmo pela mediação da atividade do sócia”. Segundo Alves e Cunha (2008), a autoconfrontação simples pode ser uma produção textual da atividade narrada. Ao ler sua própria forma de fazer o trabalho o sujeito é confrontado consigo mesmo e com a atividade. Ainda segundo a autora, essa é uma oportunidade para que o instrutor explique melhor o que ele quis dizer, afinar os entendimentos sobre a sua fala. Esse momento pode ser filmado, da mesma forma que a própria instrução ao sócia, e deve ocorrer com todos os membros participantes do grupo de pesquisa (ALVES; CUNHA, 2008).

A autoconfrontação cruzada consiste no debate a partir das falas dos sócias, por parte do grupo da pesquisa, que pensa e confronta o sujeito ante aos caminhos que o levam agir de uma forma ou de outra (SILVA; RAMOS, 2008). Segundo Clot (2006, p. 144), “[...] ele se vê diante dos traços materializados desse intercambio pela mediação de uma atividade escritura que é ela mesma, eventualmente, endereçada a outros que não o sócia”. Conforme dito anteriormente, o instrutor é chamado a transcrever e escrever comentários sobre suas falas durante a instrução, e na próxima reunião do grupo, esses comentários são apresentados ao grupo e, portanto, analisado pelo grupo, retomando-se os pontos mencionados pelo instrutor durante a instrução, a chamada autoconfrontação cruzada.

Salienta-se que a proposta deste material não é fornecer uma receita de como fazer, mas apresentar fundamentos que possam orientar na realização da aplicação do método.

O método de instrução ao sócia na prática

O método de pesquisa não pode ser tomado como um dogma o qual não pode ser questionado ou alterado, evidente que o rigor científico é de suma importância e não deve ser negligenciado, mas, como cada campo de pesquisa mostra características específicas e da mesma forma os participantes, logo, não basta ter uma receita e

seguir-la, é preciso analisar, adequar e avaliar os caminhos metodológico mais adequados para a realização do estudo sem comprometer o rigor científico. Podem ser utilizados diversos e criativos mecanismos metodológicos, visto que cada pesquisa analisa situações diferentes e para se atingir os objetivos pode ser necessário o uso de métodos complementares de coleta de dados (VIEIRA, 2004). Ainda segundo o autor, não é a sofisticação tecnológica que irá garantir o êxito no processo de transformação da atividade, mas a capacidade de estimular a confrontação.

Neste artigo foram utilizados trechos da dissertação de Freitas (2017), logo, todas as citações diretas são oriundas dessa dissertação, não sendo novamente citada sua origem ao longo da explanação sobre aplicação do método. A Instrução ao Sósia foi aplicada em professores do curso de administração da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, participaram no início do estudo seis professores, sendo três homens e três mulheres, mas devido a problemas de comunicação com um dos professores, ele foi cortado do estudo, o que não comprometeu a qualidade dos dados.

Optou-se pela não formação de um grupo de pesquisa, visto que os professores que aceitaram participar do estudo não ministravam suas aulas no mesmo período do dia, matutino ou noturno, e não se encontravam na universidade fora dos períodos de trabalho. Também contribuí para a decisão de não realizar o grupo, devido a notoriedade de que o processo de exposição, questionamento, e uma possível avaliação por parte dos colegas de trabalho dificultaria a participação dos docentes, o que é evidenciado pelo baixo aceite em participar da pesquisa. Além disso, o processo exige que o participante seja voluntário, nada foi oferecido aos docentes, a pesquisadora apresentou a proposta sem intervenção de nenhum membro do departamento, incluindo a orientadora da mestranda. E por fim, o grupo de pesquisa exige um tempo maior de dedicação, visto que número de encontros deveriam ser mais de três, logo, reunir os docentes no mesmo horário e local em várias ocasiões era complexo e improvável, dificultando a realização da pesquisa.

No entanto, o método possui elementos que permitiram sua realização individualmente, a instrução, a autoconfrontação simples são elementos que podem ser aplicados sem o grupo de pesquisa e sem comprometer a qualidade dos dados.

Posto isso, realizou-se com todos os docentes participantes os procedimentos anteriormente mencionados. Antes da aplicação do Método de Instrução ao Sósia, a mestranda realizou uma entrevista semiestruturada, para conhecer melhor os docentes, suas turmas, suas experiências como docentes, o que contribuiu para a preparação de um roteiro base para a aplicação do método. Apesar desse recurso não está previsto na versão tradicional do método, optou-se por realiza-lo, como forma de garantir que o tema não se perde-se, e que o participante pudesse explicar os processos, pois poderia acontecer do pesquisado não se lembrar de algum detalhe, ter dificuldade de começar a instrução, se perder na explicação; o roteiro resgatou alguns mencionados na entrevista que poderiam ser alvo da instrução.

Uma vez que o pesquisador e o pesquisado já se conheciam, o pesquisado já havia assinado o Termo de Livre Exclarecido – TLE; os acordo quanto, quando, onde, o tempo dos procedimentos já haviam sido realizados; no segundo encontro realizou-se a aplicação do método. Para tal, fez a pergunta base: Suponha que eu me pareça idêntico a você fisicamente e que o substituirei no seu trabalho, que informações eu devo saber para que ninguém perceba a diferença? E a partir dessa indagação o docente foi realizando a instrução.

Para alguns docentes foi difícil entrar na metodologia, visto que, por exemplo, a mestranda era do sexo feminino e alguns participantes eram do sexo masculino, imaginar essa semelhança física no início do processo foi uma barreira e que foi solucionada com a utilização dos temas contidos no roteiro. Uma outra barreira que no início da aplicação era a dificuldade de imaginar a mestranda com muito menos experiência de trabalho sendo o seu sósia, essa imagem dificultou que alguns docentes adentrarem na mecânica do método, e mais uma vez a utilização do roteiro foi uma alternativa para superar esses problemas. Felizmente, houveram alguns professores conseguiram, mesmo não sendo do mesmo sexo que a mestranda, entrar na mecânica e realizar a instrução de forma perfeita.

O trabalho docente é permeado de aspecto de subjetividade, logo, a forma de iniciar a aula de cada docente pesquisado tinham aspectos próprios, e alguns pontos em comum, mas a esses pontos não foram alvo de indagações, mas os momentos onde as características específicas do instrutor marcavam sua presença na sala de aula, na realização do trabalho, como:

Então, eu acho que em primeiro lugar você tem que ter os meus equipamentos, né? [...]. Então, chegar cumprimentar os alunos, normalmente eu dou uma limpeza na mesa [...] monto os equipamentos, isso leva o que? Uns 7 minutos. Então, não me enrolo na hora de montar os equipamentos, (risos), monte antes em casa pra quando você chegar, não ter nenhum problema, porque se você tiver algum problema onde está o cabo eles podem perceber que você não sou eu (INSTRUÇÃO AO SÓSIA – ALBA).

Eu normalmente não entro e sala e falo, boa noite turma (tom de voz alegre). E aí pessoal como é que tá? Essas coisas eu não faço, também raramente eu pergunto alguma coisa enquanto eu to ali instalando as coisas [...]. Eu, eu não falo nada que não seja isso nessa parte inicial, eu vou instalo. Pode ser que algum aluno me pergunte alguma coisa, eu respondo normalmente, eu instalo tudo [...]. Então assim, não faça muita piada porque, isso não, vão descobrir que você não sou eu (INSTRUÇÃO AO SÓSIA – FLÁVIO).

Na fala dos professores, evidencia-se aspectos que o sócia tanto devia buscar desenvolver e realizar, como evitar, elementos que caso fossem realizados denunciaria o sócia. A preocupação dos docentes em indicar essa relação para o sócia evidência que houve uma compreensão e facilidade em aderir a mecânica do método. É importante que o pesquisador estimule esse processo de instrução que envolve a percepção do sujeito sobre a realização da atividade. Isso garante que a instrução se mantenha como um processo do pensar a atividade e também para que não seja uma descrição fria da atividade, que não é o propósito.

É natural que o participante após vencida a barreira de compreender e se envolver com o processo, comece a falar bastante sobre o trabalho, sobre o que ele faz; isso em um ritmo intenso, inclusive relatando fatos os quais ele pode solicitar que não façam parte da pesquisa, esses fatos podem roubar o tempo da instrução, é importante alertar o pesquisado sobre esse fato, e se ele concordar e o pesquisador dispor de tempo para ouvi-lo, se abra essa oportunidade; mas ciente que o material produzido não poderá ser utilizada na pesquisa, no entanto, pode auxiliar na compreensão dos fatos narrados pelo participante durante a instrução. Durante a realização da dissertação, a pesquisadora vivenciou essa situação com mais de um participante, mas como ambos estavam de acordo com a concessão de tempo, permitiu-se essa conversa mais sigilosa, a qual foi fundamental para análise das situações narradas.

É interessante que no roteiro o pesquisador tenha algumas situações que

podem sair do comum, estimular que o pesquisado a pensar para além das situações normais, e diga como ele agiria naquela situação. O pensa sobre uma situação fictícia, mas possível, auxilia no processo de reflexão sobre os caminhos da atividade de trabalho; leva o sujeito a refletir sobre como ele percebe essa situação, o que ele acha correto fazer, mesmo que ele não faça, e pense por que ele não faz. O roteiro pode ajudar a manter a unidade das respostas, cada sujeito fará a instrução pela sua ótica, mas passara pelas mesmas situações, garantindo uma análise mais facilitada, como por exemplo: Sósia: estou vendo um aluno colando, o que eu faço? Instrutor: você se aproxima e avisa que tomara a prova e a cola, e que pontuará o aluno com zero, informará a coordenação, etc. Independente de como cada docente reaja a essa situação, será possível comparar as respostas e analisa-las.

Quinze dias após a instrução ao sósia, realizou-se um novo encontro com os docentes, esse intervalo entre a instrução e o novo encontro pode ser definido pelo pesquisador, grupo de pesquisa, pesquisado, desde que previamente acordado, preferencialmente na primeira reunião. Durante esse período, dependendo da forma como o pesquisador prefira conduzir para a aplicação do método; a transcrição da instrução ao sósia, pode ser feita pelo próprio instrutor – conforme a tradição – ou pelo pesquisador. Caso a decisão seja pôr o próprio pesquisador que realizar transcrição, deve-se disponibilizar ao participante a transcrição para análise em tempo hábil para que ele realize a leitura e análise de suas falas; teça os comentários, reflita sobre suas ações, pensamentos, no ambiente de trabalho.

No encontro com o participante da pesquisa, passados os quinze dias acordados, retomou-se alguns pontos da instrução ao sósia, com a finalidade de buscar empreender, responder possíveis dúvidas do próprio pesquisado, do participante. Uma atitude que pode ajudar na realização desse momento de autoconfrontação, é explicar para o participante que está ocasião não é para avalia-lo, reprovar suas ações, que os comentários não têm cunho pessoal, denotativo. No entanto, esse comentário, também é para o pesquisador, para o grupo, esse momento é para refletir sobre os caminhos para a realização do trabalho, não para avaliar o sujeito, julgar o participante; esse ponto tem que

ficar claro para todos os envolvidos, e caso aja uma postura que induza a esse procedimento, deve ser repreendido e retomado o interesse principal da pesquisa.

Feito isso, abre-se a oportunidade do instrutor falar como foi a instrução para ele, que efeitos ele sentiu, que comentários ele teceu sobre suas próprias falas. Após essa fase, abre-se a oportunidade para os demais membros do grupo, o pesquisador tecer comentários, pedir ao instrutor que explique os caminhos que o fazem agir de uma forma e não de outra. É natural que o participante quando solicitado para explicar melhor como ele chegou a determinada postura, não saiba explicar, diga que não era isso que ele pretendia fazer/dizer, que ele não age daquela forma, que ele não se comporta daquela maneira, como aconteceu no estudo usado de exemplo:

[...] porque na verdade quando eu dou exemplos, na verdade eu evito, eu falo, quando eu dou esse tipo de exemplo, eu costumo falar antes que são coisas tradicionalmente atribuídos a meninos e meninas, dificilmente eu dou um exemplo falando que isso é coisa de menino e isso é coisa de menina, como se aquilo fosse naturalmente de menino e de menina (AUTOCONFRONTAÇÃO PROFESSOR FLÁVIO).

Neste trecho o professor tentar negar o que aconteceu na sala de aula, a informação solicitada pela sócia, a confrontação nesse momento não se refere somente a pergunta da sócia, mas também uma autoconfrontação, pois enquanto ele tenta lembrar, explicar; ele se pergunta será que eu fiz isso? Por que eu fiz isso? Como eu não percebi? Será que eu faço sempre? Essa autoavaliação produz no sujeito novas formas de perceber suas atitudes e principalmente as atitudes automáticas, que já não percebidas pelo sujeito quando ele realiza.

Houve um caso em que a docente durante a autoconfrontação, ela não conseguiu explicar os caminhos das suas ações, mas ela se acusava e logo depois ela se defendia, explicava o porquê ela fazia aquilo, aquilo tinha justificativa. Para todos os encontros de autoconfrontação a pesquisadora preparou o material, destacando os pontos que mereciam ser melhor analisados, com a finalidade de ajudar os docentes caso essa situação narrada anteriormente acontecesse. Quando a pesquisadora introduziu os trechos das falas, mas solicitando que ela explicasse os caminhos, significados, motivações para as suas ações a docente voltou para o eixo da proposta da pesquisa.

Conforme dito anteriormente, a autoconfrontação é um momento de análise do pesquisado com o auxílio do pesquisador, não é um momento de avaliação do trabalho dele, por essa razão não havia espaço para essa defesa antecipada da docente do caso acima mencionado. A proposta do método de instrução ao sócia é levar o sujeito a pensar sobre o trabalho, os caminhos, as alternativas que existem para a realização das suas atividades de trabalho, mostrar as possibilidades existentes dentro da dimensão até conhecida e a abertura de novos caminhos.

O número de encontros dependerá se a proposta da pesquisa, conforme mencionado anteriormente. É preciso respeitar os termos acordados no primeiro encontro, se foram solicitadas três reuniões marcar uma quarta pode ser um problema, tanto para o pesquisador como para o pesquisado, que não poderá dispor de mais esse tempo. Por esta razão, ressalta-se a importância de não ir a campo, mesmo nesses casos que não há obrigatoriedade do pesquisador preparar um roteiro; que aja um suporte para respaldar e não haver perda de tempo, para ambos. O pesquisador precisa pensar no que pode acontecer, se antecipar; garantindo assim, que o tempo acordado será bem utilizado e que pesquisa cumprirá com o prazo.

Considerações finais

O método de Instrução ao Sócia tem por característica permitir que o pesquisador se aproxime das realidades que envolvem as atividades de trabalho, compreender por meio da ótica de quem realiza o trabalho. Um dos pontos positivos do método para o estudo com seres humanos é que permite que o sujeito entrevistado tenha o controle do ritmo da entrevista, dos pontos que lhe são convenientes de comentar, das questões que ele gostaria de falar e que no trabalho ele não tem essa oportunidade. O método permite ao participante escolher como ele pode contribuir com o estudo, refletir sobre sua participação na realização do trabalho, sobre a forma como ele realiza o trabalho, sobre o que poderia ser melhor na sua atividade de trabalho. Dessa forma, o participante ele fornece os dados e contribuí com a análise, pois os comentários que ele mesmo tece sobre sua instrução já são análises dos dados. É um método que possibilita a investigação do trabalho humano a partir das ações e visão do próprio humano realizador da atividade.

Como o método parti do individual para o coletivo, o pesquisador amplia os

horizontes da pesquisa, tendo acesso a diversas formas de realização de uma mesma atividade de trabalho. Cada participante ao instruir seu sócia mostra os caminhos percorridos por ele, como ele chegou a essa forma de realizar o trabalho, que não será exatamente igual para outro sujeito, o significado, a motivação nunca será iguais. Em pesquisas com seres humanos, passados alguns anos é possível aplicar o método no mesmo sujeito e obter formas de realização totalmente diferentes. É um método de investigação que faz um corte no tempo para que se analise o trabalho, mas que jamais é finalizado, não é totalizante.

No entanto, o estudo pode ser comprometido caso o participante não compreenda a mecânica do método, não consiga assumir a postura de instrutor, não compreenda que a autocofrontação é um momento depreciativo do trabalho do sujeito. Esses pontos podem comprometer a aplicação do método e a qualidade dos dados, sendo importante que o pesquisador esteja atendo ao progresso da aplicação do método, preparado para manter a mecânica, o propósito do estudo. Além disso, como se avalia a veracidade dos fatos, corre-se o risco de o participante faltar com a verdade nos relatos, independente se for para a própria proteção ou valorização, os dados não corresponderão a realidade. A presença de uma discrepância na instrução já demonstra ao pesquisador a presença de uma distorção dos fatos, possibilitando que esse fato seja levado em consideração no momento da sua avaliação, e confirmação por meio de outros instrumentos de pesquisa que podem ser utilizados conjuntamente com método.

O método de Instrução ao Sócia é uma alternativa para os pesquisadores que desejam conhecer melhor o trabalho, seus ambientes e realizadores. Trata-se de uma possibilidade do pesquisador conhecer os bastidores, as escolhas que o trabalhador precisa realizar, as adaptações que ele realiza para que o trabalho seja possível e vivível (SCHWARTZ, 2000), que são partes fundamentais do trabalho e que por outros métodos não são facilmente alcançados. Quando o sujeito realiza as atividades de trabalho ele não está despossuído de seus valores, experiências, opiniões, limitações físicas, tudo o que o constitui está com ele naquele momento, e ao solicitar que esse sujeito lhe instrua a ser ele, ele lança luz sobre essas características pessoais que o permitem realizar o trabalho.

Dessa forma, o método é uma alternativa para os estudos com seres humanos em

virtude da aproximação das realidades particulares que envolvem o trabalho e como elas contribuem para que o trabalho seja realizado. Além disso, o método de instrução permite uma resposta livre aos participantes da pesquisa, que mesmo antes de todo o processo de pesquisa seja finalizado já tem os resultados individuais da pesquisa a sua disposição, visto que é o próprio sujeito que realiza a coanálise.

Em estudos futuros sugere-se um mapeamento de como o instrumento de pesquisa Instrução ao Sósia vem sendo utilizado nas ciências humanas e sociais, mapear suas variações de aplicação, os assuntos pesquisados por este instrumento. Conhecendo seus usos e variações na forma de aplicação será possível demonstrar como o método pode contribuir mais para as ciências. Como limitação destaca-se a falta de outras fontes que detalhem com precisão a forma como utilizaram o método em suas pesquisas, muitos estudos contam a história do método, mas não descrevem como utilizaram, como realizaram os procedimentos de pesquisa. Uma melhor descrição de como cada pesquisador procedeu para aplicar o método pode ajudar a outros pesquisadores que tenham dúvida sobre o método, o como fazer a encontrarem soluções para essas questões.

REFERÊNCIAS

AFONSO, S. F. C. T. *Ser formador: a actividade, as condições de trabalho e as implicações para a saúde*. 2012. 79f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Trabalho e das Organizações) - Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2012.

ALVES, V. A.; CUNHA, D. M. Aspectos metodológicos de uma análise situada da atividade docente: a autoconfrontação cruzada. *SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA*, v. 1, 2008. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/quarta_tema6/Quarta_Tema6Artigo3.pdf>. Acesso em 18.11.2017

BATISTA, M.; RABELO, L. Imagine que eu sou seu sósia... Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. v. 16, n. 1, p. 1-8. 2013.

Clot, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2006.

_____. *A função psicológica do trabalho* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes. 2007

FAÏTA, D.; VIEIRA, M. Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontation croisée. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 19, n. 1, p. 123-154, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19n1/18996.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2015.

FREITAS, V.C. Produção de Subjetividades no Trabalho Docente no Curso de Administração da UFES: um olhar ergológico. 2017. 149f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2017.

ODDONE, I.; RE, A.; BRIANTE, G. *Redécouvrir l'expérience ouvrière. Vers une autre psychologie du travail?* Paris: Editions sociales. 1981.

ROBIN, A. Le sosie: une véritable démarche de création (DIALOGUE 55). In: Le sosie: outil d'analyse et de théorisation des pratiques. 1997. Disponível em: <<http://gfen66.infini.fr/gfen66/IMG/pdf/sosie.pdf>>. Acesso em: 17.nov.2017.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. *Pro-Posições*. São Paulo, v. 1, n. 5, p. 34-50, 2000.

SILVA, E. F.; RAMOS, Y. S. Processo de trabalho na produção de verduras no Alvinho, em Lagoa Seca/PB: a atividade dos trabalhadores e sua relação com o processo saúde–doença. **Revista Aletheia**. P. 159-173. 2008.

STUTZ, L. *Sequências didáticas, socialização de diários, autoconfrontação: instrumentos para a formação inicial de professores de inglês*. 2012, 388 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000178953>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

VASCONCELOS, R.; LACOMBLEZ, M. Redescubramo-nos na sua experiência: O desafio que nos lança Ivar Oddone. *Plur(e)al*, v.1, n.1. p. 38-51. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=83211>. Acesso em: 17 set. 2015.

VIEIRA, M. A. Autoconfrontação e análise da atividade. In: FIGUEIREDO, M; ATHAYDE, N; BRITO, J; ALVAREZ, D. *Labirintos do Trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

WERTHER, C. Exploration et formalisation de l'expérience professionnelle : L'instruction au sosie. In: Le sosie: outil d'analyse et de théorisation des pratiques.1997. Disponível em: <<http://gfen66.infini.fr/gfen66/IMG/pdf/sosie.pdf> > . Acesso em: 17. nov. 2017.